

## EPISTEMOLOGIA AFIRMATIVA DA NEGRITUDE

**Zilda Martins<sup>1</sup>**  
**Patrícia Dias da Silva<sup>2</sup>**

### RESUMO:

A proposta deste trabalho é refletir sobre o conceito de epistemologia após a implantação das ações afirmativas e cotas raciais, e demandas de novas metodologias daí decorrentes, que deem conta das subjetividades dos corpos negros. Problematisa a grade curricular acadêmica tradicional, fundamentada em autores/conceitos ocidentais, apagando outras produções de conhecimento. Como viabilizar a coexistência de saberes, reconhecendo as intelectuais negras e negros como sujeitos históricos, produtoras/es de conhecimento e portadoras/es de vivências e sabedorias ancestrais? O objetivo é propor o debate coletivo e a urgência de uma nova epistemologia, numa perspectiva hermenêutica com foco na experiência ontológica do ser sujeito afrodescendente, suas ancestralidades e singularidades no mundo da vida. Tencionamos a construção de um moderno *ethos* acadêmico, ancorado no comum (Sodré, 2014).

Palavras-chave: Epistemologia afirmativa. Pensamento afrodiaspórico. Sabedoria ancestral. Ciência. Comum

### ABSTRACT:

The purpose of this work is to reflect on the concept of epistemology after the implementation of affirmative actions and racial quotas, and the results demands for new methodologies that address the subjectivities of Black bodies. It problematizes the traditional academic curriculum, grounded in authors and Western concepts, which erases other knowledge productions. How can we enable the coexistence of knowledge, recognizing Black intellectuals as historical subjects, producers of knowledge and carriers of ancestral experiences and wisdom? The objective is to propose collective debate and the urgency of a new epistemology, from a hermeneutic perspective focusing on the ontological experience of being the Afro-descendant subject, their ancestries, and singularities in the lifeworld. We aim to build a modern academic ethos, anchored in the common (Sodré, 2014).

Keywords: Affirmative epistemology. Afro-diasporic thought. Ancestral wisdom. Science. Common

### RESUMEN:

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestra em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/UFRJ), pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) e do Grupo de Pesquisa Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico (GAPA), da Intercom. Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), do LECC/UFRJ. Professora da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [zilda.martins@eco.ufrj.br](mailto:zilda.martins@eco.ufrj.br)

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/UFRJ), pesquisadora do Grupo de pesquisa Diaspóticas de Migrações Transnacionais & Comunicação intercultural (ECO/UFRJ) e do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS/LECC). Líder do coletivo Projeto de Integração Étnico-Racial (PIER). E-mail: [patriciadias@rioa.com.br](mailto:patriciadias@rioa.com.br)

---

La propuesta de este trabajo es reflexionar sobre el concepto de epistemología tras la implementación de acciones afirmativas y cuotas raciales, y las consiguientes demandas de nuevas metodologías que tengan en cuenta las subjetividades de los cuerpos negros. Problematisa el currículo académico tradicional, basado en autores/conceptos occidentales, borrando otras producciones de conocimiento. ¿Cómo viabilizar la convivencia de saberes, reconociendo a los intelectuales negros como sujetos históricos, productores de conocimientos y portadores de experiencias y sabidurías ancestrales? El objetivo es proponer el debate colectivo y la urgencia de una nueva epistemología, desde una perspectiva hermenéutica centrada en la experiencia ontológica del sujeto afrodescendiente, sus ancestros y singularidades en el mundo vivencial. Nos proponemos la construcción de un moderno ethos académico, anclado en lo común (Sodré, 2014).

Palabras clave: Epistemología afirmativa. Pensamiento afrodiaspórico. Sabiduría ancestral. Ciencia. Común

## INTRODUÇÃO

Antes de começar, vale uma nota sobre o título. Epistemologia afirmativa da Negritude é um jogo de linguagem, atravessando o devir das ações afirmativas e a anterioridade da palavra negritude. Negritude não é um adjetivo, como costuma ser usada, mas a recuperação ativa do sentido de consciência racial e ação política, empregadas pelo poeta martinicano, Aimé Césaire, nos anos de 1930. Nascida como reação a um xingamento nas ruas de Paris, em 1935, negritude é um neologismo de enfrentamento do negativo (*nègre*) com a incorporação do positivo (*attitude*). A palavra foi cunhada no jornal intitulado *L'Étudiant Noir* (O estudante negro), e se transformou no chamado Movimento da Negritude, apoiado na França, em África e nos Estados Unidos, durante os anos 30, 40, 50 e 60, período de efervescência política mundial e de luta pelo fim da colonização e da recuperação dos direitos civis.

Baseada nessa memória conceitual, propomos uma epistemologia afirmativa da negritude no campo da comunicação. No caso específico, o afirmativo faz referência à potência resultado das medidas de compensação histórica, no nível acadêmico, logo uma ideia disruptiva da formação tradicional. Dito de outro modo, o afirmativo pode ser apreendido sob um olhar cruzado entre a ética da verdade científica e da produção do conhecimento, e o real histórico da vivência, da experiência e da sabedoria ancestral, levando em conta a comunicação pensada por Sodré (2014) como um laço vinculativo do comum<sup>3</sup>. Desde a implantação das políticas públicas de ações

---

<sup>3</sup> Para Sodré (2014), o sujeito é em comum e "o comum é sentido antes de ser pensado ou expressado, portanto, é algo que ancora diretamente na existência" (SODRÉ, 2014, p. 204).

---

afirmativas na graduação e, sobretudo, na pós-graduação<sup>4</sup>, ressurgem demandas de novas metodologias, que deem conta das subjetividades dos corpos negros.

Vale lembrar que as políticas públicas de ações afirmativas começaram a ser implantadas em 2003, no nível de graduação, pela UERJ, no Rio de Janeiro; pela Uneb, na Bahia; e pela UnB, em Brasília; seguidas por outras universidades e Institutos de Educação. Em 2012, foram tornadas lei pelo Superior Tribunal Federal (STF), conhecidas como Lei das Cotas 12.711. Em 2016, o governo baixou a Portaria 13/2016, recomendando a adoção das Ações Afirmativas, pelos Programas de Pós-Graduação (PPG'S), cujos critérios ficariam a cargo de cada um.

Os novos atores sociais encontram uma academia que não havia espelho, mas uma cultura dogmática, eurocentrada. Como romper com o cientificismo acadêmico? Propomos o diálogo entre a metodologia sinóptica e as estratégias sensíveis de Sodré (Sodré, 2014, 2006), a autoetnografia antropológica e a experiência afirmativa, com o uso da técnica de análise histórica pelo exercício do ser/sujeito de conhecimento e de transforma o. A hipótese   que o corpo negro emerge da consciência do sujeito de potência e da força ancestral para construir com sabedoria o próprio pensamento e interferir na disputa de produ o de conhecimento, gerando a demanda por uma epistemologia afirmativa da negritude.

O ambiente acad mico, por vezes hostil, bem como o discurso midiático, maniqueísta, expuseram o jovem negro no centro dos debates. Com as a o es afirmativas, os estudantes cotistas tornam-se sujeitos históricos, conscientes da sabedoria ancestral, plenos de vivências e inventividades. Nessa perspectiva, o novo cenário intelectual na academia provoca a necessidade de ampliar a prática de conhecimento científico, habituada ao monismo cultural (Sodré, 2012) de racionalidade técnica eurocentrada, ou seja, tendo a cultura europeia como a única possível. O objetivo deste trabalho   debater, coletivamente, a perspectiva hermen utica (de interpreta o), tendo o comum, o sujeito em rela o, no foco das reflexões. Nesse sentido, a comunica o representa a "base existencial da vincula o humana, assim como a ideia do processo de transforma o do vínculo em ato" (Sodré, 2014, p. 21).

A negritude   conceituada por Césaire (2010) como consciência racial e a o política, portanto, capaz de impor a urgência do enfrentamento cognitivo de compreensão humana do

---

<sup>4</sup> As a o es afirmativas foram implantadas no Brasil, como resultado de luta histórica dos movimentos negros (MN), reivindicando combate ao racismo, reconhecimento e educa o. Na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discrimina o Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizada em Durban, África do Sul, em 2001, o governo, de posse dos documentos dos MN, prometeu algum tipo de repara o.

---

existir no mundo. Negritude é apreendida como sujeito político, plural, responsável e responsável. O conceito nasceu como um modo, segundo Césaire (2010), de levar a si mesmo o despertar. A negritude "era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir" (Césaire, 2010, p. 110). A proatividade de estudantes negros e negras na universidade, a partir das ações afirmativas, interfere na disputa pela produção de conhecimento, sobretudo no combate ao pensamento único, como sinaliza Chimamanda (2019), e ao epistemicídio<sup>5</sup> (Carneiro, 2023).

Este trabalho questiona a grade curricular acadêmica, da graduação e da pós-graduação, fundamentada em autores ocidentais, uma prática oficial de apagamento de todas as outras culturas e um reducionismo científico. Como viabilizar a coexistência de saberes, reconhecendo os intelectuais negros e negras como sujeitos históricos, portadores de vivências e sabedorias ancestrais?

Finalmente, a ideia é convidar a comunidade científica a olhar para dentro, examinar a possibilidade de um debate urgente e necessário, considerando a universidade, "um lugar em que nada está livre do questionamento [...] nem mesmo a ideia tradicional de crítica, como crítica teórica, nem mesmo a autoridade da forma 'questão', do pensamento como 'questionamento'" (Derrida, 2003, p. 18). Em diálogo com o autor (2003), propomos a desconstrução de práticas e pensamentos arraigados, na perspectiva de um devir acadêmico efetivamente plural.

## **A CONSTRUÇÃO DO BRASIL É NEGRA**

O filósofo camaronês Mbembe (2018) afirma que o projeto moderno de conhecimento e de governo, representa o delírio produzido pela própria modernidade. Tal delírio, explica, se dá com a presença do negro que "desencadeia dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que invariavelmente abala o próprio sistema racional" (Mbembe, 2018, p. 13). A sustentabilidade desse sistema tem a raça como cimento, alavancada na base de "um complexo perverso, gerador de terrores e tormentos, de perturbações do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes" (Mbembe, 2018, p. 27). Tudo isso tendo o apoio da igreja, da filosofia e do conhecimento científico.

O tripé como sustentáculo da exclusão, da instituição do 'outro' como diferente, indesejado, da construção do racismo. O racismo, estrutural para uns (Silvio Almeida, Dennis de

---

<sup>5</sup> O epistemicídio é compreendido como racismo acadêmico (Carneiro, 2023, p. 88).

Oliveira), institucional para outros (Muniz Sodré, Cida Bento), persiste como carunchos, corroendo o direito à equidade e interferindo na vida cotidiana dos que têm a pele escura. “Racismo é o espelhamento social do sonho elitista de uma sociedade com um povo uno e depurado da ‘mancha da escravidão’” (Sodré, 2023, p. 91). O autor dialoga com Mbembe (2018), para quem o ocidente ao abordar a identidade não fala de pertença mútua,<sup>6</sup> mas na “relação do mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, em seu próprio espelho” (Mbembe, 2018, p. 11). Essa mentalidade egocêntrica e eurocêntrica foi responsável pela negação secular da sabedoria ancestral.

No Brasil, a construção do país foi feita por mãos, corpos e mentes negras em todos os setores, da arte à tecnologia (Araújo, 1988; Lopes, 2010; Mascarenhas, 2021; Pinheiro, 2020). Basta um pequeno esforço para ver que a tecnologia do fazer é dos africanos deportados para este país e de seus descendentes. O funcionamento das engrenagens científico-tecnológicas e as produções que desenvolveram a vida agrária é negra. A inventividade para a sobrevivência é negra. “Não existem relatos de que os europeus enviaram engenheiros/as e técnicos/as altamente especializados/as para atuarem no bom funcionamento de engenhos, ou ainda em qualquer outro ambiente de trabalho executado por pessoas negras” (Silva, 2013, *apud* Pinheiro, 2020, p. 13).

Pinheiro (2020, p.13) ressalta que durante séculos “pessoas negras foram as principais cientistas e técnicas porque conseguiram manter um modo de produção, cujos detalhes técnicos eram por elas pensados e executados”. Entre os africanos sequestrados para o Brasil, muitos homens e mulheres, dominavam a leitura, escrita, as artes e sabiam contabilidade. Segundo Araújo (1988), Jorge Amado costumava lembrar que o umbigo do Brasil estava enterrado na África. A cultura do país contou, efetivamente, com a contribuição do povo negro. “Tão vigorosa foi essa contribuição que, tal como constatou Pierre Verger, os antigos escravos levaram de volta à Terra onde nasceram os conhecimentos e a criatividade que tinham desenvolvido no Brasil” (Araújo, 1988, s/p).

Para cá vieram artistas, músicos, pintores, sacerdotes e, também, reis e rainhas, como a Agontimé, chamada de Maria Mineira Naê, uma das esposas do rei Agongolo, do reino de Daomé, substituído pelo filho mais velho, após sua morte. “A rainha Agontimé era conhecida em Abomé pelas histórias que contava sobre o seu povo e sobre a fé, a força e a importância dos ancestrais” (Gonçalves, 2009, p. 131). No Brasil, Agontimé, após trabalhar em fazendas de cacau e de algodão na Bahia, foi vendida para outra fazenda de café em Minas Gerais e, mais tarde, trabalhou

---

<sup>6</sup> A pertença mútua implica inclusão de todos os povos no quesito identidade, mas isso não se aplica ao ocidente, segundo Mbembe (2018, p. 11).

---

nas jazidas de Tijuco e Vila Rica. Ali, comprou sua liberdade e seguiu para São Luís do Maranhão, onde foi responsável pela aquisição e funcionamento da Casa das Minas, um templo para os voduns<sup>7</sup>.

Contudo, a ciência hegemônica ocidental apagou a autoria negra, retirando a humanidade dessas pessoas, num grande acordo com a Igreja e o Estado e, mesmo nos dias presentes, ainda insiste na "invisibilidade do negro e do índio [que] segue como um pacto que não deve ser quebrado, sob pena de sermos obrigados a redefinir o Brasil" (Santos, 1988, s/p.). Essa redefinição se inicia com a força ancestral afrodiáspórica, nomeada por Conceição Evaristo como um acordo de resistência para não morrer, e com a emergência de profissionais negras e negros, atuando como mestres e doutores construtores de ciência, formando rede mundo afora. Na esfera acadêmica, a união da diferença<sup>8</sup> começa a produzir um tensionamento por maior abertura e reconhecimento de uma sabedoria tecida pela e na ancestralidade.

O mal-estar vivenciado pela população negra, escravizada, subjugada, e sequestrada da sua terra natal, suportou o privilégio branco propiciando o seu bem-estar, através da exploração. A mente negra angustiada em um universo de desidealização (Fanon, 2008), vivenciado com a racialização, fantasiava a transformação do seu *status quo*, pois as perdas e opressões lhe destituíram dos seus direitos humanos.

Para manter o privilégio branco, as formas de dominação eram sofisticadas, em diversos campos, inclusive na esfera da semiótica. Kilomba (2019) fala dos bonecos pretos, objetos de decoração das casas brancas. A autora explica que o surgimento de tais bonecos coincide com a abolição da escravização, ou seja, são a "personificação das/os próprias/os escravizadas/os, que não mais existiam" (Kilomba, 2019, p. 198). Dito de outro modo, é uma forma de manter a pessoa negra "no seu lugar" e tais bonecos, ressalta a autora (2019), ainda eram lidos como fofos pelos brancos, quando questionados. "Esse processo de infantilizar o que o sujeito negro diz protege o sujeito branco de reconhecer a realidade de grupos oprimidos e, portanto, impede-os de olhar para si mesmo como opressor (Kilomba, 2019, p. 200).

---

<sup>7</sup> No templo, os voduns foram chegando, respeitando as hierarquias, tanto dos mais velhos, como dos reis e de seus parentes. As esposas eram escolhidas entre as vodúnsis africanas, as minas, como eram chamadas as escravizadas que embarcavam na Costa da Mina, em África. "Naquela Casa os voduns desceriam apenas nas mulheres" (Gonçalves, 2009, p. 134).

<sup>8</sup> Uma vez na universidade, os estudantes cotistas se organizaram em diversas frentes, a fim de se protegerem do racismo, manifestado nas externalidades concretas e simbólicas. Participaram dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (Neab's); cursos preparatórios para a Pós-graduação; grupos de estudos; grupos de WhatsApp, todos lugares de troca, de acolhimento e de fortalecimento.

---

Séculos de dominação branca construíram representações negativas para o sujeito negro, atribuindo a estes atos próprios de uma psiquê cindida, como explica Kilomba (2019). Para a autora (2019), o branco se identifica com o bem e transfere para o negro todo o mal que ele próprio praticou. A essa transferência, conceitua como "outridade" (Kilomba, 2019, p. 38). Sem representação positiva e sem espelho na sociedade, há um esforço reforçado para sobreviver e se reinventar. Nesse sentido, a fim de manter viva a memória dos antepassados, o povo negro busca na valorização dos símbolos culturais reforçar o sentimento de ressignificação e resistência a favor da sua existência. "Queremos resgatar entre os negros uma certa autoestima e uma imagem que nos sirva de padrão de orgulho por nossos heróis, que pretendemos nos sejam devolvidos em carne e osso, em sangue e espírito, como pessoas reais que puderam até alçar-se à condição de mito, mas não mais como lendas perdidas numa nebulosa história" (Araújo, 2004, s/p).

O símbolo africano Sankofa, que se mantinha no inconsciente do negro brasileiro, exprimia que o seu presente só seria construído e o futuro potencializado, quando a sua história e os erros do passado fossem constatados, adquirindo conhecimento e sabedoria. "Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro" (Nascimento, Gá, 2009, p. 40-41). Assim, segundo Césaire (2010), recuperar o passado seria a única forma de conquistar o seu ser, já que o seu passado havia sido apagado e a identidade do povo negro negada.

A valorização da cultura negra e das características fenotípicas da sua identidade despertariam uma consciência contra o apagamento racial, combatendo as imposições hegemônicas eurocêntricas. Com a identidade resgatada, o povo negro através da união e reconquista do seu protagonismo, que lhe fora destituído, criaria o seu lugar na história (Diop, 1974). A negritude seria um catalisador para as lutas, pois é o reconhecimento da identidade negra, da aceitação da sua história e da sua cultura, do reconhecimento do seu direito e do respeito à personalidade coletiva (Césaire, 2010).

Retomar as lutas dos movimentos negros é um reconhecimento sobre o passado. Para combater o racismo, Santos (2015) lembra que semi-intelectuais e subproletariados se juntaram em São Paulo numa 'imprensa negra'.

Jornais como O Clarim da Alvorada e O Getulino, de Campinas - ainda hoje motivo de orgulho dos movimentos negros - denunciavam as discriminações raciais mais chocantes do nosso quadro urbano no emprego, na moradia, na educação, nos locais de lazer (2015, p. 16).

---

Assim, a voz negra contra o racismo é impressa em jornais, em manifestações nas ruas, em reuniões partidárias, no teatro, na passarela e em tantos outros espaços, ecoando, mais recentemente, nas universidades e instituições de ensino superior. Contudo, a história dos movimentos negros não aparece nos livros didáticos, e a mídia tradicional opera na sustentabilidade da manutenção do *status quo*<sup>9</sup>, silenciando e invisibilizando corpos negros. Lopes (2010) apresenta inúmeros intelectuais orgânicos que partilharam seus saberes desde muito tempo no país. No entanto, "a referência a origens africanas de grandes personalidades da vida nacional sempre foi, no Brasil, um tabu, pois quase sempre era considerada ofensiva, pesando como uma difamação" (Lopes, p. 96).

Temos como exemplo um dos maiores intelectuais da literatura em língua portuguesa, Machado de Assis, que era desestimulado de parecer negro. Há também Nilo Peçanha, o presidente negro, que tentava ser branco, maquiando o rosto (Sodré, 2023). O sétimo presidente da República, Nilo Peçanha, "tinha pele escura, o que permite classificá-lo, fenotipicamente, de negro, preto, mulato ou pardo. Desta gradação não tinha dúvida a imprensa da época, que costumava publicar charges e anedotas sobre a sua cor" (Sodré, 2023, p. 122).

Sodré (2023) analisa o racismo no Brasil, afirmando que a mudança do sistema escravista para a abolição resultou em uma nova forma social, a que chama de forma social escravista. "Se a estrutura escravista tinha fissuras, a forma social escravista, pós-abolição, passaria a ter negação e mascaramento - negar publicamente a anterior sociedade escravista e mascarar em público e em privado a visibilidade do descendente de africano" (Sodré, 2023, p. 123).

No Brasil colônia e Império, intelectuais negros atuavam em todas as frentes, como artes plásticas, arquitetura, paisagismo, música, literatura, jornalismo, engenharia (Lopes, 2010). No início do século XX, o médico Juliano Moreira, homem negro, rompe com o improvável, diante de uma sociedade racista e eugenista<sup>10</sup>. Na área das artes plásticas, o escultor, entalhador, arquiteto e paisagista, Mestre Valentim, vivendo no Brasil colônia, deixou sua marca nas igrejas de Boa Morte e Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, além do passeio público (esculturas e portões) e chafariz da Praça XIV.

---

<sup>9</sup> "A narrativa midiática tenta proteger a elite branca da aproximação do outro, garantindo o status quo e perpetuando a academia em um espaço privilegiado para poucos e brancos" (Martins, 2015, p. 71).

<sup>10</sup> O movimento eugenista, de caráter mundial, teve como seguidor no Brasil, dentre outros, Renato Kehl. Segundo Diwan (2015, p. 10), a eugenia, "com status de disciplina científica, objetivou implantar um método de seleção humana baseada em premissas biológicas".



---

Antonio Rafael Pinto Bandeira, paisagista e retratista, imprimiu seu talento, entre outros artistas negros do Brasil Império. Foi professor do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. Nei Lopes afirma que o artista no Rio de Janeiro, "foi um dos primeiros afrodescendentes a integrar o seleto grupo de alunos da Academia Imperial de Belas Artes. É autor de telas hoje pertencentes ao acervo permanente do Museu Nacional de Belas Artes, MNBA" (Lopes, 2010, p. 100).

Na literatura, além do já falado Machado de Assis, destacam-se Castro Alves, Cruz e Sousa, Maria Firmina dos Reis, Luís Gama, Lima Barreto, Salgado Maranhão. São muitos nomes, que o espaço não comportaria citar. "Nessa rede de interação, as múltiplas culturas africanas que se espalham pelo mundo preservam marcas invisíveis dos traços africanos" (Amador de Deus, 2019, p. 23). Em outras palavras, a inegabilidade histórica se evidencia pelo mito de Ananse<sup>11</sup>, cujas divindades dão régua e compasso organizativos da vida em diáspora num mundo hostil e violento. Assim como para a autora (2019), a escolha pelo mito de Ananse a envolveu pessoalmente, durante décadas, na luta antirracista, as teias também podem tecer uma epistemologia afirmativa da negritude, do comum vinculativa e orgânica, envolvendo toda a comunidade histórica.

## NEGRITUDE E COMUM: A POTÊNCIA EPISTEMOLÓGICA

A origem da palavra epistemologia, de acordo com o dicionário<sup>12</sup>, vem do latim *episteme* – conhecimento, e *logia* – estudo, sendo manifestada como filosofia da ciência. Contudo, esse paradigma não inclui os que são considerados "outros", ao contrário, pratica o "epistemicídio" (Carneiro, 2023, p. 88). Para a autora (2023), são muitas as implicações do epistemicídio, dentre elas a "negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pelo processo de inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento [...]" (Carneiro, 2023, p. 88). Durante anos, prevaleceu a ideia do homem africano sem história e sem razão. Carneiro (2023, p. 92) assinala que "Hegel vincula os africanos à brutalidade e à selvageria".

---

<sup>11</sup> Ananse é um mito africano, ressignificado pelos povos em diáspora, que conta histórias de vivências. "Instalados os africanos em qualquer continente, por mais que suas tradições fossem represadas ou aniquiladas pela cultura hegemônica, seus descendentes davam início a um processo de criação, invenção e recriação da memória cultural para preservar os laços mínimos de identidade, de cooperação e de solidariedade" (Amador de Deus, 2019, p. 23).

<sup>12</sup> Enciclopédia Significados: disponível em: <https://www.significados.com.br/epistemologia/>. Acesso em 22/03/2024.

---

Na filosofia moderna, a epistemologia entra em discussão, gerando de um lado os empiristas, que defendem o conhecimento baseado na experiência, e do outro, os racionalistas, cujo entendimento é de que a fonte do conhecimento está na razão. Mas de que razão estão falando? O que se evidencia é a razão da violência na sociedade moderna, colonialista, escravocrata, patrimonialista, como apagamento científico, histórico, midiático, social, cujas consequências permanecem, sejam na ação ou no imaginário.

Na filosofia africana, a metáfora leva à reflexão acerca da compreensibilidade do mundo. Conta o mito de Ananse que uma Divindade da cultura *fanti-ashanti*<sup>13</sup>, a deusa Aranã, apresentada em forma de aranha, tece uma teia de prata enorme e sobe até o céu para negociar com a Deusa Nyame o acesso à história, ausente na terra. O desejo da Divindade era adquirir as histórias para contar ao povo de sua aldeia. Nyame colocou várias condições, todas cumpridas por Aranã, que foi louvada e contemplada em sua negociação. A partir daí, todas as histórias se espalharam pelo mundo, contribuindo com a formação do imaginário de liberdade, solidariedade e condições de igualdade socioculturais, na inseparabilidade do humano em um mundo, efetivamente, democrático.

Ananse ao espalhar as histórias, semeia sonhos pelo mundo. Contudo, no real concreto o que historicamente se evidencia é violência, sofrimento e traumas. Na diáspora, Amador de Deus (2019) associa a negritude à teias de resistência, tecidas pelos filhos e filhas de Ananse. "Ananse é a metáfora perfeita para falar das muitas teias que envolvem a construção da sociedade e do não-lugar, dados aos descendentes de africanos, o racismo à brasileira e construção das políticas de ações afirmativas no país" (Campelo, 2019, p. 15).

Na dimensão da ciência, a perspectiva é que os fios tecidos na ancestralidade perpassem o imaginário da produção científica, espalhando histórias vividas na ancestralidade pela academia e em territórios do saber. Do ponto de vista do reconhecimento histórico, a expectativa é por abertura, com comprometimento universal de combate ao racismo, a fim de recuperar séculos de histórias apagadas de um povo que deu origem à humanidade e com observações empíricas fez descobertas em voga até o presente, porém sem a validação da ciência. Levantamento de Mascarenhas (2021) revela contribuições científico-tecnológicas de civilizações africanas em diversas áreas do conhecimento, como matemática, medicina, astronomia e outras. Na área médica,

o povo kemético foram [sic] os primeiros da história a descobrirem a penicilina. O saber médico do Kemet (antigo Egito) tem como referência

---

<sup>13</sup> A cultura *fanti-ashanti* pertence à região do Benin, na África Ocidental (Amador de Deus, 2019).

o cientista Imhotep. De acordo com Afrika (2014), nos livros médicos de Imhotep (20 volumes) está descrito o uso alopatóico, homeopático e naturopático de ervas, a utilização da maquiagem Kemética dos olhos e inúmeras técnicas de diagnóstico e terapêutica (Mascarenhas, 2021, p. 67).

São diversas as descobertas de povos africanos, a partir de seus corpos em uma relação de saber holístico. Mascarenhas (2021) faz referência a estudo de Dass (2020), revelando que os fios de seda produzidos pelas aranhas, além de resistentes, possuem propriedades curativas, de combate a infecções. Acrescenta que ainda hoje muitas comunidades utilizam os fios de aranhas como bandaid natural. "Ele [Dass, 2020] coloca que em 2006 a rede de televisão americana publicou uma reportagem [...] na qual cientistas estavam usando teia de aranha como método mais efetivo no tratamento de lesões nos ligamentos do joelho" (Mascarenhas, 2021, p. 67).

No Portal do Instituto Butantã<sup>14</sup>, uma reportagem fala sobre a funcionalidade das teias de aranha, feitas de uma seda composta de proteína e que inspiram construções tecnológicas. Explica que curativos cirúrgicos, tecidos usados na fabricação de paraquedas e sensores eletrônicos supermodernos, são inspirados nas teias de aranha "por sua arquitetura ou sua característica elástica, pegajosa e resistente" (Instituto Butantã, 2023, s/p). Outras matérias falam de estudos que vêm sendo desenvolvidos acerca das teias de aranha e sua possível utilização.

A coexistência de saberes pode ser a chave para a abertura da ciência até então fechada à sua própria "universalidade". Essa dinâmica científica, como é sabido, destrói tudo o que não é igual à sua lógica eurocentrada. Com isso, o racismo se fortalece, provocando a consequente exclusão de pessoas negras na ciência, na vida econômica, social e nas relações de poder. "Não é que o fenômeno do racismo seja impenetrável à razão, mas o racionalismo restritivo das práticas historiográficas, sociológicas, antropológicas e psicológicas conduz à adoção exclusiva do 'pensável'" (Sodré, 2023, p. 64). Assim, a sociedade compreende e abraça a razão científica, reproduzindo o racismo e limitando o pensamento, na medida em que restringe o funcionamento político-social.

É o contrário de uma compreensão, ao mesmo tempo individual e coletiva, da permanência na consciência histórica dos fatores excludentes de aparências históricas dos fatores excludentes de aparências que não coincidam com aquela da branquidade hegemônica, do paradigma *leucocrático*. O racionalismo acadêmico-disciplinar [...] é socialmente

---

<sup>14</sup> Instituto Butantã: Disponível em: <https://butantan.gov.br/bubutantan/teia-de-aranha-uma-superengenhoca-da-natureza-que-e-multifuncional-e-resistente-como-aco>. Acesso em: 17/04/2024.

---

asséptico, esquivando-se da dificuldade de criticar o vínculo entre a interpretação e a práxis (Sodré, 2023, p. 64).

Pois bem, podemos questionar qual o papel social da universidade pública, diante de uma realidade de pensamento baseado na razão universal e ao mesmo tempo excludente. Vamos aos Estados Unidos, onde a luta e a repercussão da luta do povo negro se fazem presente na academia. O professor Michael Sandel no curso “Justice” ministrado por mais de duas décadas na Universidade de Harvard, traz a filosofia para tratar de temas controversos. Das aulas ministradas para mais de mil alunos, saiu a obra “Justiça: o que é fazer a coisa certa”. Na perspectiva de Sandel (2012), a sociedade democrática demanda o pensar coletivo dos conflitos, ainda que não se tenha respostas para tudo.

Sobre ações afirmativas, Sandel (2012) diz que a entrada de estudantes negros na universidade não é recompensa, e sim uma forma de atingir um objetivo socialmente mais importante. Trata-se do bem comum, cuja justificativa é o princípio da diversidade. Ou seja, “um corpo estudantil com diversidade racial permite que os estudantes aprendam mais entre si do que se todos tivessem antecedentes semelhantes” (Sandel, 2012, p. 113). Usa o mesmo raciocínio para falar dos docentes, considerando que se todos saíssem de “uma mesma área do país limitaria o alcance das perspectivas intelectuais e culturais” (Idem).

Sandel (2012, p 113) questiona a homogeneidade de abordagens, tendo em vista a importância da pluralidade de debates para além do eurocentrismo ou para além do debate racial. De acordo com Sandel, “o argumento da diversidade considera que as minorias deveriam assumir posições de lideranças na vida pública e profissional, porque isso viria ao encontro do propósito cívico da universidade e contribuiria para o bem comum” (Sandel, 2013, p. 113). E qual o propósito cívico da universidade? Arriscaria a dizer que seria o compromisso de engajar os corpos docente e discente na formação de novas lideranças negras, brancas e indígenas capazes de interferir em processos de transformação social, de fato.

Cabe à universidade, assim como à sociedade, enfrentar a questão do racismo e do pensamento focado numa história única (Chimamanda, 2019), abrindo-se para novas formas de conhecimento. Tal abertura expõe um desafio amplo, mas no campo das ciências sociais, em particular, há de se pensar, como propõe Sodré (2014), uma epistemologia e metodologia da comunicação enquanto práxis social, desencadeando uma compreensão, ou seja, a aplicação do conhecimento orientada na vida, na concretude do sujeito, na base existencial do comum.

---

Do contrário, podemos questionar com Paulo Freire a quem interessa o progresso científico, como ressalta Paiva (2021, p. 74). “A produção das variadas e múltiplas formas de reflexão ligadas ao cientificismo, especialmente, a partir do positivismo, não tem mostrado capacidade para dar conta do real histórico das sociedades”. A autora (2021, p.73) observa que “o educador confere ao conhecimento uma amplitude afetiva que, por consequência, remete à nossa proposta de uma epistemologia compreensiva”. O conceito é analisado como um legado de Freire, que já no século XX argumentava a importância do ser sujeito do pensamento crítico, capaz de ler o mundo antes de ler a palavra. Dito de outra forma, uma epistemologia focada na vivência, na experiência, no mundo da vida.

Seja uma epistemologia compreensiva (Sodré, 2023, Paiva, 2021) ou escrevivência (Evaristo, 2007), conceito desenvolvido a partir da experiência de vida, como política de sobrevivência e de resistência, ou epistemologia afirmativa da negritude, como propomos, todas conduzem à construção de uma nova ética. A tessitura de uma epistemologia afirmativa da negritude reside na construção de um pensamento crítico e reconstrução do ser ontológico, como expressão singular, aliada às experiências ancestrais e em diálogo com outras culturas e produção de conhecimento. A proposta da epistemologia afirmativa da negritude é pensar esse sujeito histórico, atravessando séculos de civilização que deu origem a humanidade, um comum que gerou inventividades, afetos e políticas de sobrevivência; passando pela diáspora e ações afirmativas que produzem novos intelectuais numa visceralidade de empiria e teoria, evidenciando a riqueza de análises teórico-sociais.

Considerando que o dever do Estado passa pela universidade (*locus* de formação e de relações de poder), é imperativo pensar políticas democráticas de educação, que impliquem tanto no ensino, como na pesquisa e na extensão de modo a construir locais abertos à diversidade, à crítica e à pluralidade do pensamento. As ações afirmativas e as cotas raciais representam abertura e fortalecem uma política de resistência à mercantilização do ensino, à exclusão e à racionalidade técnica.

Derrida (2003), filósofo das intervenções políticas pelo discurso e pelo texto (Silveira, 2020), defende uma universidade diferente da tradicional, como *locus* da desconstrução da própria história e axiomas, e da história das humanidades. Autor de “A Universidade sem condição”, título de conferência em Stanford e livro, Derrida (2003) reflete criticamente sobre a universidade em um mundo globalizado. Explica que a universidade sem condição seria “o direito do princípio

---

de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo” (Derrida, 2003, p. 18).

Ao mesmo tempo que defende a preservação de uma certa tradição, Derrida (2003) questiona o conceito de Humanidades, âncora da universidade e princípio da universalização, afirmando que caberia redefinir, desconstruir e ajustar para além de uma tradição. Faz referência ao princípio da incondicionalidade, presente nas Humanidades, cuja síntese é um espaço de discussão e reelaboração. Na filosofia, na literatura e nas artes, a desconstrução se manifesta com o fim de repensar o homem, suas ações e reações no mundo.

A desconstrução (não me incomoda em nada dizê-lo, nem mesmo reivindicá-lo) tem seu lugar privilegiado na Universidade e nas Humanidades como lugar de resistência irredentista, até mesmo, analogicamente, como uma espécie de princípio de desobediência civil ou ainda, de dissidência em nome de uma lei superior e de uma justiça de pensamento (Derrida, 2003, p. 23-24).

O convite a repensar o homem é incontestável, urgente e necessário. Pensar o sujeito em relação implica encarar a branquitude<sup>15</sup> e as consequências do processo de dominação, assim como a ciência daí advinda. Basta observar a prática de formação eurocêntrica, resultando em ações padronizadas de lideranças, que reatualizam a exclusão social e o racismo, para conferir a importância do repensar. Na lógica da construção do conhecimento, tal como é dado, se evidenciam, historicamente, o silenciamento e o apagamento de saberes outros que estejam fora do cânone. Aos saberes seculares africanos ou indígenas, a prática corrente da universidade é de epistemicídio, (Carneiro, 2023), logo torna-se imperativo a abertura para a coexistência das epistemes, do comum humano que vincula, põe na roda e gera afeto entrelaçando-se à comunidade.

O historiador social, Pap NDiaye especifica a luta e acusa a universidade de praticar a invisibilidade, pela opção do não reconhecimento de minorias, como as pessoas negras, cujas subjetividades não são vistas, nem compreendidas. “Os negros franceses, individualmente, são visíveis, mas invisíveis enquanto grupo social e objeto de estudo na universidade. Como grupo

---

<sup>15</sup> Pacto da Branquitude é um conceito desenvolvido por Cida Bento, em sua tese de doutorado, que representa a manutenção do lugar de privilégio para a pessoa branca, assegurando esse padrão, por meio de pacto narcísico, para as futuras gerações. Bento, M.A.S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo: USP, 2002.

---

social, são incentivados a não existir, porque a República francesa não reconhece oficialmente as minorias” (Ndiaye, 2008, p. 21). O resultado dessa invisibilidade se traduz em certa confusão de identidade, considerando hostilidade ao termo, em função de um republicanismo universalista intimidador de associação ou filiação a uma certa identidade negra.

A questão do universalismo gera um novo debate e induz a pergunta: universal para quem? Ora, seja no Brasil, nos Estados Unidos ou na França, evidências históricas mostram que a República não oferece o mesmo tratamento para pessoas negras ou indígenas e brancas, supervalorizando uns e apagando outros. No Brasil, a reivindicação é por ser sujeito do pensamento, protagonista, e não objeto de estudo. Ndiaye (2008) diz que a invisibilidade só é desejada do ponto de vista da vida social pelos erros e os delitos que afetam cotidianamente a vida da população negra, independentemente de tê-los cometidos. “Mas nós queremos ser visíveis do ponto de vista de nossas identidades culturais negras, de nossas contribuições preciosas e únicas à sociedade e à cultura francesas” (Ndiaye, 2008, p. 426).

A dimensão dessa contribuição agora é reivindicada na ciência, de modo a se observar uma universidade construída pelo corpo social pleno de todas as culturas. Assim, defendemos, com Muniz Sodré, a ciência como ponte por onde todas as atrizes e atores sociais possam passar, trocar, construir e incorporar conhecimento em ampla dimensão, desde saberes ancestrais até as mais novas descobertas tecnológicas. Na esteira das ações afirmativas, pensamos em uma epistemologia afirmativa da negritude, a ser construída coletivamente pelo comum na academia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa mobilização pela reorganização da produção de conhecimento não é nova. Lélia Gonzalez defendia uma epistemologia negra, tendo como parâmetro o povo negro, que deveria sair da margem para o centro da nação, portanto um projeto democrático. Raquel Barreto (2018) lembra que Lélia desejava radicalmente uma alternativa de país e defendia uma epistemologia negra, sem apagar outras referências, como tendem teóricos ocupados em fazer interpretações de realidades distantes, com sofisticadas conceituações. O “'distanciamento científico' quanto ao seu 'objeto' (isto é, o negro e o mulato), revela, na realidade, a necessidade de tirar de cena um dado concreto fundamental: enquanto brasileiros, não podemos negar nossa ascendência negro/indígena, isto é, nossa condição de povo de cor” (Gonzalez, 2018, p. 61).

Desse modo, defendemos com os autores trabalhados nesse texto, a necessidade de reflexão sobre uma nova episteme, a ser construída no dissenso criativo de abertura cognitiva e

---

da experiência do sujeito histórico, esse sujeito negro/indígena, como afirma Gonzalez (2018), e que na contemporaneidade emerge potente com as ações afirmativas e as cotas raciais. Uma Epistemologia Afirmativa da Negritude, construída coletivamente pelo comum sodreniano, cuja comunicação transcultural (Sodré, 2017, p. 22) atravessa pontes, troca saberes e afetos, na lógica do trans ou do ir e vir. Nessa perspectiva, no dentro e fora da diferença ao mesmo tempo, a comunicação transcultural tensiona uma abertura de novas narrativas e disputas de sentido.

Tal dinâmica responde à pergunta colocada no início do texto a respeito da viabilidade da coexistência de saberes, de reconhecimento de intelectuais negras e negros como portadores de vivências e sabedorias ancestrais. Os dois conceitos "Negritude e Comum", reivindicados no trabalho, têm na própria sintaxe a potência criadora e filosófica que os definem. Enquanto a negritude de Césaire (2010) é da ordem do retorno histórico, consciência, atitude proativa do espírito e ação política no presente, o comum de Sodré (2016) é a imanência do ser sujeito ontológico em relação, ou seja, um sujeito vinculado e comprometido com a ética da *arkhé*, da origem e do destino. Dito de outro modo, o comum é o sujeito aberto a viver a experiência do outro.

Concluimos que o objetivo de propor o debate coletivo está dado, numa expectativa de ampliação para as esferas do conhecimento tradicional - as universidades públicas e instituições de ensino -, provocando uma polifonia da emergência das tensões pela construção de um moderno *ethos* acadêmico, ancorado no comum. Sendo assim, a perspectiva é de construção de uma nova história, criativa e inclusiva, com condições de possibilidade de abertura para a diversidade cultural, tendo o contexto brasileiro como perspectiva. Uma história do pensamento que também seja construída por corpos negros.

## REFERÊNCIAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora**: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult/PA, 2019.

ARAÚJO, Emanuel. **Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão**. Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 242–250, jan. 2004.

\_\_\_\_\_. Introdução e proposição. In: ARAÚJO, Emanuel (org). **A Mão afro-brasileira**: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Tenenge, 1988.

BARRETO, Raquel. Introdução Lélia Gonzalez: uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Organização e edição: UCPA - União dos Coletivos Pan-Africanistas. Ed. Diáspora africana, 2018.



- 
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo:** branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. (Tese de doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2002.
- CAMPELO, Marília Márcia. Prefácio. In: AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora:** uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult/PA, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2023.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. Paris: **L'Institut national de l'audiovisuel - INA**, France 3, 2006. 1 vídeo.
- CHIMAMANDA, Adichie. **O Perigo de uma história única.** São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2019.
- DASS, Kumar Sujan. **Black People Invented Everything:** The Deep History of indigenous creativity. Supreme Design: Atlanta, 2020.
- DERRIDA, Jacques. **A Universidade sem condição.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Mith or Reality?** Westport: Lawrence Hill, 1974.
- DIWAN, Pietra. **Raça pura:** uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2015.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Ed.EdUFBA, 2008.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** Rio de Janeiro: Record, 2009.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** Organização e edição: UCPA - União dos Coletivos Pan-Africanistas. Ed. Diáspora africana, 2018.
- INSTITUTO BUTANTÃ: <https://butantan.gov.br/bubutantan/teia-de-aranha-uma-superengenhoca-da-natureza-que-e-multifuncional-e-resistente-como-aco>. Acesso em: 17/04/2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOPES, Nei. **Negros na cultura brasileira.** In: SANTOS, Joel Rufino dos, LOPES, Nei; COSTA, Haroldo. **Nação Quilombo.** Rio de Janeiro: ND Comunicação, 2010.
- MARTINS, Zilda. **Cotas raciais:** Para reatualizar o discurso da imprensa e inverter a abolição da escravidão (Tese de doutorado). Escola de Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2015.

---

MASCARENHAS, Erica Larusa Oliveira. **Produção científica africana e afrocentricidade:** beleza, saúde, cura e a natureza holística da ciência africana. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1, 2018. 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (ORG). **Adinkra:** Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NDIAYE, Pap. **La Condition noire:** essai sur une minorité française. Paris: Folio/Galimard.

PAIVA, Raquel. **Paulo Freire:** a cidadania compreensiva. Revista Matrizes, 2021.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/188289/178838>. Acesso em: 20/04/2024.

PINHEIRO, Bárbara. **@Descolonizando\_saberes:** mulheres negras na ciência. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2020.

SANDEL, Michael. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Tradução: Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. Prefácio. In: ARAÚJO, Emanuel (org). **A Mão afro-brasileira:** significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Tenenge, 1988.

\_\_\_\_\_. **Saber do negro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SILVA, Renato. **Isto não é magia; é Tecnologia:** subsídios para o estudo da cultura material e das transferências tecnológicas africanas 'num' novo mundo. São Paulo: Ferreavox, 2013.

SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. Derrida e as portas abertas da memória, do arquivo e do testemunho. *Alea: Estudos Neolatinos*, 22[3], 136-148, Doi: <https://doi.org/10.1590/1517-106x/2020223136148>. 2020.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor:** uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: 2023.

\_\_\_\_\_. **A Ciência do Comum:** notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: 2014.

\_\_\_\_\_. **Reinventando a educação:** diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: 2012.

\_\_\_\_\_. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensar Nagô**. Petrópolis: RJ, 2017.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos com alegria a cada uma/um das pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS/LECC/ECO/UFRJ), pela participação ativa nas leituras e debates, que nos levaram a escrever este artigo. Agradecimentos especiais à nossa companheira da graduação, plena de curiosidade, vontade e potência, **Isabela Lima**.